

VIBRA

2025 *Relato TCFD*



Relato TCFD

1. GOVERNANÇA

1.1 Supervisão dos riscos e oportunidades climáticas

A supervisão de riscos e oportunidades relacionados às mudanças climáticas que impactam a estratégia da Vibra é responsabilidade do Conselho de Administração, com apoio do Comitê de Auditoria Estatutário (CAE) e do Comitê de Governança, Pessoas e Remuneração (CGPR).

O Conselho de Administração reúne-se periodicamente e acompanha os riscos e oportunidades relacionados às mudanças climáticas por meio do processo corporativo de gestão de riscos, incluindo a apreciação do Mapa de Riscos, bem como por temas submetidos à sua análise e aos comitês de assessoramento ao Conselho, conforme previsto em seus respectivos regimentos. O reporte de questões climáticas é realizado de forma integrada ao *framework* corporativo de gestão de riscos.

A Política de Mudança Climática e Transição Energética — aprovada pela Diretoria Executiva e alinhada ao Acordo de Paris e aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da ONU — orienta a gestão climática da Companhia, integrando riscos e oportunidades climáticas ao planejamento estratégico, ao

plano de negócios e ao sistema corporativo de gestão de riscos, com reflexos sobre decisões de portfólio, investimentos e resiliência do negócio.

O CAE avalia e monitora as exposições de risco da Companhia através da Matriz de Riscos, que prevê o risco “Ambiental e clima”, no âmbito da dimensão ESG. O CGPR revisa as políticas de governança corporativa que impactam a estrutura de governança da sustentabilidade; apoia a indicação de conselheiros com competências e experiências relevantes, inclusive em temas climáticos; define metas de desempenho para a alta administração; e revisa pautas e temas relacionados à sustentabilidade.

1.2 Competências da alta liderança em clima e sustentabilidade

Na atual composição, a Vibra possui cinco conselheiros com experiência comprovada em Transição Energética, Estratégia Climática e Sustentabilidade. As competências do Conselho abrangem: experiência na indústria - distribuição de energia, varejo e renováveis; transição energética, estratégia climática e sustentabilidade; operações e segurança; finanças, alocação de capital e M&A; governança, riscos e *compliance*, política pública, regulação e relações institucionais; gestão de talentos e cultura; estratégia, inovação e tecnologia; *marketing*, consumidor e marca; engajamento com *stakeholders*

e impacto social; experiência C-level; experiência em outros conselhos e experiência internacional, conferindo visão sistêmica para o Conselho.

1.3 Papel da gestão na condução da agenda climática

No nível executivo, a agenda climática é liderada pelo Vice-Presidente de Gente, Tecnologia e ESG, responsável por propor ao Conselho e à Diretoria Executiva iniciativas estratégicas relacionadas à evolução do *mix* energético, à redução de emissões e ao desenvolvimento de novas soluções de energia — reconhecendo o papel ainda essencial dos combustíveis fósseis na garantia da segurança energética do país e no abastecimento da economia brasileira. Cabe também a essa liderança a construção de políticas e metas associadas e o monitoramento dos KPIs de descarbonização.

A operacionalização técnica é conduzida pela Gerência de Comunicação Interna e ESG, alocada na Diretoria de Gestão de Pessoas e Comunicação Interna, vinculada à Vice-Presidência de Gente, Tecnologia e ESG. Essa área, em parceria com as equipes de Planejamento Estratégico, Operações, Segurança, Riscos e Controles Internos, é responsável pela identificação, avaliação e monitoramento dos riscos e oportunidades climáticas, incluindo estudos de risco, análise de cenários e reporte. Para os riscos físicos, as áreas de

ESG, Operações e Segurança, monitoram continuamente a materialização de eventos climáticos em todo o país, contribuindo com informações para atualização das análises e definição de medidas de resposta.

O Comitê Executivo de Saúde, Segurança e Meio Ambiente (SSMA), coordenado pelo CEO e composto por vice-presidentes e diretores de áreas-chave, apoia a implementação das políticas socioambientais, monitora indicadores ambientais e recomenda pautas à Diretoria Executiva.

A qualidade e confiabilidade das informações climáticas que embasam a tomada de decisão são asseguradas por meio de processo estruturado de coleta, consolidação e verificação. Os dados de emissões de GEE dos escopos 1, 2 e 3 são coletados junto às unidades operacionais e consolidados com o suporte de uma plataforma digital que contribui para maior rastreabilidade e consistência metodológica, além de reduzir o esforço operacional na consolidação e apoiar a priorização de iniciativas por categoria e fonte emissora. O inventário é submetido à verificação por terceira parte independente, seguindo a metodologia do GHG Protocol, assegurando a credibilidade das informações. Os indicadores de emissões dos escopos 1, 2 e 3, após concluída a etapa de verificação externa, são reportados ao Conselho de Administração, por meio do Comitê de Governança, Pessoas e Remuneração, e à Diretoria Executiva, garantindo que as decisões estratégicas sejam embasadas em dados validados.

1.4 Remuneração e desempenho climático

A remuneração variável da alta liderança da Vibra considera o desempenho econômico-financeiro da Comerc Energia, principal veículo de sua estratégia de retorno com renováveis (5ª avenida de crescimento da Vibra), por meio de indicadores como ROIC e Ebitda. Na medida em que a Comerc atua em energia renovável, mercado livre de energia e soluções de descarbonização para clientes corporativos, esses indicadores refletem indiretamente o avanço da Companhia na agenda climática e de transição energética. O detalhamento completo está apresentado no item 4.2 — Remuneração e metas climáticas.

2. GESTÃO DE RISCOS

2.1 Identificação e avaliação de riscos e oportunidades climáticas

O processo de gestão de riscos corporativos da Vibra está descrito em detalhe no [Relato Integrado 2025](#). No âmbito climático, a Vibra identifica e avalia riscos de forma estruturada, classificando-os em duas categorias: riscos físicos — agudos e crônicos, como enchentes, secas e tempestades, com potencial impacto sobre ativos, operações e rotas logísticas — e riscos de transição — relacionados a mudanças regulatórias, evolução tecnológica, alterações na matriz energética e aspectos reputacionais associados à evolução do mix energético. A identificação utiliza fontes internas e externas, históricos de eventos extremos, projeções de mercado e o suporte de consultorias especializadas.

Esse processo é apoiado pelo Estudo de Riscos e Oportunidades Físicos e de Transição, desenvolvido em 2024. Para os riscos físicos, foram utilizados os cenários climáticos SSP3-7.0 (maior aquecimento) e

SSP1-2.6 (menor aquecimento, alinhado ao Acordo de Paris). Para os riscos de transição, os cenários adotados foram Stated Policies (Steps), Announced Pledges (APS) e Net Zero Emissions by 2050 (NZE), da IEA — todos contemplando horizontes de 2030 e 2050. Em 2025, o estudo foi complementado por análise específica dos riscos físicos associados às rotas logísticas, com representatividade regional, em todo o território nacional, e dos modais rodoviário, ferroviário, hidroviário e dutoviário, utilizando os mesmos cenários físicos de 2024.

A avaliação considera probabilidade de ocorrência — de raríssimo a muito frequente — e impacto potencial nas dimensões financeira, reputacional, legal e ambiental. A severidade, calculada pela combinação desses critérios, orienta a priorização dos riscos e o encaminhamento para tratamento quando os limites de tolerância estabelecidos pelo Conselho de Administração são excedidos.

No âmbito das oportunidades, a Vibra identifica e monitora aquelas associadas ao desenvolvimento de produtos e serviços de menor intensidade de carbono. A Comerc é o ativo central dessa agenda, com atuação em soluções inovadoras de energia e descarbonização. Complementam esse portfólio os biocombustíveis avançados, como o querosene de aviação sustentável (SAF) e o diesel renovável (HVO), e as soluções em eletromobilidade, por meio da EZVolt. O detalhamento dessas oportunidades e seus impactos financeiros está apresentado no tópico 3. Estratégia.

2.2 Integração à gestão de riscos corporativa e monitoramento

Os riscos climáticos seguem a mesma metodologia aplicada aos demais riscos corporativos, regida pela Política de Gestão de Riscos Corporativos e pela Política de Mudança Climática e Transição Energética.

Essa integração assegura que os riscos climáticos sejam avaliados com os mesmos critérios de severidade, apetite e tolerância aplicados às demais categorias de risco da Companhia, e que suas respostas — mitigar, transferir, aceitar ou eliminar — sejam deliberadas pelas mesmas instâncias de governança.

O monitoramento é contínuo, com a área de Operações e Segurança acompanhando tempestivamente a materialização de eventos climáticos extremos em todo o país. A Matriz de Riscos é revisada bianualmente e atualizada sempre que mudanças relevantes no ambiente interno ou externo assim o exigirem. O reporte de questões climáticas é realizado de forma integrada ao *framework* corporativo de gestão de riscos, não havendo processo de reporte segregado ou exclusivo para esse tema. O CAE avalia e monitora as exposições de risco da Companhia através da Matriz de Riscos, que prevê o risco “Ambiental e clima”, no âmbito da dimensão ESG.

A Vibra reconhece que riscos físicos e de transição não atuam de forma isolada e podem se reforçar mutuamente. A intensificação de eventos climáticos extremos pode pressionar custos operacionais e logísticos ao mesmo tempo em que o ambiente regulatório de transição energética impõe adaptações no portfólio e na estrutura de capital da Companhia. Essa perspectiva sistêmica orienta a avaliação integrada dos riscos climáticos, refletida, por exemplo, na valoração consolidada dos riscos de substituição de produtos e aumento de custo de matérias-primas — cujos efeitos financeiros são interdependentes e compartilham as mesmas premissas de mercado, conforme detalhado no tópico 3. Estratégia.

3. ESTRATÉGIA

3.1 Estratégia de negócio e horizonte temporal

A Vibra atua como a maior distribuidora de combustíveis e uma das maiores empresas de energia do Brasil, com capilaridade nacional e presença em toda a cadeia de valor energética. Reconhecendo que as mudanças climáticas e a evolução do marco regulatório (Lei Combustível do Futuro, Sistema Brasileiro de Comércio de Emissões, entre outros) representam vetores de transformação estrutural para o setor, a Companhia vem implementando sua estratégia de ampliar progressivamente a oferta de soluções energéticas de menor intensidade de carbono — sem abrir mão do papel essencial dos combustíveis fósseis na garantia da segurança energética nacional e no abastecimento da economia brasileira.

No âmbito climático, essa estratégia se materializa principalmente por meio da quinta avenida de crescimento da Vibra — Retorno com Renováveis —, com a Comerc, adquirida integralmente em 2025, como principal vetor dessa agenda. A Companhia atua em energia renovável, mercado livre de energia e soluções de descarbonização para clientes corporativos. Os biocombustíveis avançados — querosene de aviação sustentável (SAF) e diesel renovável (HVO) — ampliam o portfólio de produtos de baixo carbono, respondendo à demanda crescente de clientes dos setores de aviação e transporte. A EZVolt posiciona a Vibra no mercado de eletromobilidade, operando uma das principais redes de recarga do país, com expansão em curso em diferentes estados brasileiros.

Para fins deste relatório, a Companhia adota os seguintes horizontes temporais na avaliação de riscos e oportunidades climáticas: curto prazo (até 1 ano), médio prazo (de 1 a 3 anos) e longo prazo (de 3 a 5 anos). Esses horizontes estão alinhados ao ciclo de

planejamento estratégico e financeiro da Companhia, correspondendo aos períodos para os quais existem premissas econômico-financeiras consistentes e bem fundamentadas. A adoção desses horizontes não exclui riscos e oportunidades de natureza estrutural de mais longo prazo, que são monitorados qualitativamente por meio de análises de cenários alinhadas aos referenciais do IPCC e da IEA, com projeções até 2030 e 2050.

3.2 Riscos e oportunidades climáticas que impactam o negócio

Com base no processo de identificação e avaliação descrito no tópico 2 - Gestão de Riscos, a Vibra mapeou três riscos de transição — substituição de produtos e serviços por opções de menor emissão, aumento do custo das matérias-primas e incentivos à eletrificação de frotas —, um risco físico — tempestades — e uma oportunidade climática — o desenvolvimento de produtos e serviços de menor intensidade de carbono. Os riscos de transição são influenciados pelo ambiente político e regulatório, em especial pelos mandatos de incorporação de biocombustíveis estabelecidos pela Lei do Combustível do Futuro e pelos compromissos públicos de estados e municípios relacionados à eletrificação de frotas de transporte público. Por compartilharem uma mesma dinâmica estrutural e premissas de mercado, os dois primeiros riscos de transição são tratados de forma consolidada nos efeitos financeiros estimados. Os subtópicos a seguir detalham cada um desses elementos, seus horizontes de materialização, impactos potenciais no modelo de negócio e na cadeia de valor, e as respostas estratégicas adotadas pela Companhia.

3.2.1 Riscos de transição: substituição de produtos e serviços existentes por opções de menor emissão e aumento do custo das matérias-primas

O *core business* da Vibra está concentrado na comercialização e distribuição de combustíveis fósseis de alta intensidade de carbono — gasolina, diesel e querosene de aviação (QAV) —, produtos que podem ser progressivamente substituídos por alternativas de menor emissão, como etanol, SAF, HVO e eletricidade, em linha com as diretrizes da Lei do Combustível do Futuro, bem como estudos e projeções da EPE. Paralelamente, soluções de baixo carbono apresentam custos unitários estruturalmente superiores aos de seus equivalentes fósseis, tendendo a elevar o capital imobilizado e pressionar indicadores de rentabilidade como ROIC e WACC. Por compartilharem a mesma dinâmica estrutural — a aceleração da substituição amplifica diretamente a exposição ao custo das matérias-primas renováveis —, esses dois riscos são tratados de forma consolidada. Ambos têm abrangência nacional e maior probabilidade de materialização no longo prazo, com efeitos iniciais já observáveis no curto e médio prazo, guardada a ainda relevante participação dos combustíveis fósseis na segurança energética nacional.

No modelo de negócio, já se observa migração de clientes B2B para combustíveis menos intensivos em carbono e pressão gradual sobre margens de produtos fósseis. No futuro, antecipa-se necessidade de reformulação do portfólio, realocação de capital para infraestrutura renovável e ajustes logísticos e comerciais. Como resposta, a Vibra consolida seu reposicionamento como plataforma multienergia, tendo direcionado R\$ 7,5 bilhões para a aquisição integral da Comerc Energia em 2025 além de investimentos em SAF, HVO e EZVolt. A emissão de R\$ 1,5 bilhão em debêntures verdes em 2024 ilustra o uso de instrumentos financeiros alinhados à descarbonização.

Efeitos financeiros estimados

Esses riscos se materializam em todos os horizontes temporais, com impacto financeiro estimado muito baixo no curto prazo (inferior a R\$ 50 MM), baixo no médio prazo (entre R\$ 50 MM e R\$ 100 MM) e médio no longo prazo (entre R\$ 100 MM e R\$ 250 MM). A magnitude dos impactos depende da velocidade da transição energética, da evolução regulatória e do comportamento de preços relativos entre combustíveis fósseis e renováveis.

3.2.2 Risco de transição: incentivos à eletrificação de frotas

A substituição do uso de combustíveis fósseis pela eletrificação da mobilidade, impulsionada por políticas públicas, metas de municípios para frotas de transporte público mais sustentáveis e incentivos regulatórios crescentes, caracteriza um risco de transição para a Vibra com maior probabilidade de materialização no longo prazo. O risco tem abrangência nacional, com maior concentração em grandes centros urbanos e regiões metropolitanas, onde a penetração de veículos elétricos e híbridos e os compromissos públicos de eletrificação de frotas de ônibus são mais expressivos. Até o momento, o avanço da eletromobilidade no Brasil não gerou efeitos materiais diretos no modelo de negócio da Vibra, mas impõe monitoramento contínuo quanto aos impactos futuros no consumo de combustíveis líquidos — especialmente diesel C e gasolina —, que representam parcela relevante do portfólio e das margens da Companhia.

No futuro, a eletrificação progressiva de frotas pode reduzir a demanda por combustíveis líquidos em segmentos estratégicos, particularmente no transporte público urbano e na mobilidade leve, exigindo adaptações no portfólio comercial e na estrutura logística da Companhia. Como resposta, a Vibra posiciona-se proativamente nesse movimento por meio da EZVolt,

que opera uma das principais redes de recarga do país, com expansão em curso em diferentes estados brasileiros e desenvolvimento de soluções B2B e B2C. Essa atuação permite à Companhia, tendo adotado uma estratégia de *fast follower* nesse segmento, aprender sobre o segmento de eletromobilidade ao mesmo tempo que mitiga a exposição à redução de demanda por combustíveis fósseis para públicos por enquanto nichados.

Dada a relevância estratégica do tema para o modelo de negócio da Vibra, o risco de eletrificação de frotas é acompanhado de forma contínua pela Companhia.

Efeitos financeiros estimados

A análise considerou três cenários externos de adoção de veículos elétricos — LCA (conservador), BCG adoção gradual e BCG adoção acelerada —, com base em projeções da LCA Consultores, Boston Consulting Group, S&P Global Mobility e ABVE. Em todos os cenários e horizontes temporais analisados, o risco apresenta impacto financeiro estimado muito baixo (inferior a R\$ 50 MM). A magnitude dos impactos depende do ritmo de adoção da eletromobilidade, da evolução dos incentivos regulatórios, da disponibilidade de infraestrutura de recarga e do comportamento do consumidor frente às alternativas energéticas disponíveis.

3.2.3 Risco físico: tempestades

As tempestades intensificadas pelas mudanças climáticas representam o principal risco físico identificado pela Vibra, com potencial de causar danos a ativos críticos — bases de distribuição, terminais e unidades de armazenamento —, gerar paradas operacionais, elevar custos de manutenção, reparos e seguros, e comprometer a infraestrutura logística de

transporte, incluindo rodovias, ferrovias, hidrovias e portos. O risco tem abrangência nacional, com maior exposição em áreas litorâneas e nas regiões Sudeste e Sul, e desafios adicionais no Norte e Centro-Oeste. Diferentemente dos riscos de transição, esse risco já apresenta efeitos observáveis no modelo de negócio da Vibra, com ocorrências de danos a ativos, interrupções operacionais e aumento de custos logísticos — tendência que deve se intensificar no longo prazo com o aumento de frequência e severidade dos eventos. Na cadeia de valor, os impactos se estendem a postos revendedores, clientes dos setores de aviação e transporte terrestre e fornecedores, especialmente de biocombustíveis.

Como resposta, a Vibra incorporou práticas estruturadas de adaptação e resiliência em suas operações, incluindo inspeções e manutenções preventivas periódicas e intervenções físicas em ativos críticos — sistemas de proteção contra descargas atmosféricas, instalação de geradores, melhorias em drenagem, impermeabilização, reforço estrutural e melhorias elétricas e de escoamento. Essas ações contam com alocação contínua de recursos financeiros, humanos e operacionais, refletindo o compromisso da Companhia com a resiliência frente à intensificação dos eventos climáticos extremos.

Efeitos financeiros estimados

Os efeitos financeiros desse risco se manifestam em duas dimensões: os impactos decorrentes da materialização dos eventos — danos a ativos, interrupções operacionais e elevação de custos logísticos — e os custos das iniciativas de adaptação e resiliência já planejadas pela Companhia.

O risco apresenta impacto financeiro estimado médio no curto e médio prazo (entre R\$ 100 MM e R\$ 250 MM) e alto no longo prazo (entre R\$ 250 MM e

R\$ 500 MM). Esses valores referem-se ao universo de 58 ativos analisados no estudo de riscos físicos da Companhia. A magnitude dos impactos depende da frequência e severidade dos eventos climáticos extremos, da localização e exposição dos ativos operacionais e da capacidade de resposta e recuperação da infraestrutura logística e de transporte.

3.2.4 Oportunidade: desenvolvimento de produtos e serviços de menor intensidade de carbono

A transição para uma economia de baixo carbono representa uma oportunidade estratégica para a Vibra ampliar seu portfólio de produtos e serviços alinhados às novas demandas do mercado, gerando vantagem competitiva, fortalecimento de posicionamento e crescimento de receita. No centro dessa agenda está a Comerc com atuação em energia renovável, mercado livre de energia e soluções de descarbonização para clientes corporativos. Complementam esse portfólio os biocombustíveis avançados — SAF e HVO —, que respondem à demanda crescente de clientes dos setores de aviação e transporte por soluções de menor emissão, e a EZVolt, que posiciona a Vibra no mercado de eletromobilidade com uma das principais redes de recarga do país.

Essa oportunidade já impacta o modelo de negócio da Companhia, com ampliação da base de clientes, aumento de volume de vendas de produtos de baixo carbono e oferta de soluções mais completas. No futuro, especialmente após 2035, espera-se aumento relevante da demanda por novas energias em relação aos combustíveis fósseis, ampliando a representatividade dessas oportunidades nos resultados financeiros da Vibra. O progresso é acompanhado por indicadores como resultados da Comerc, volumes comercializados de SAF e HVO e desempenho da EZVolt.

Efeitos financeiros estimados

O desenvolvimento de produtos e serviços de menor intensidade de carbono representa uma oportunidade de muito alto impacto financeiro em todos os horizontes temporais (igual ou superior a R\$ 500 MM), refletindo o potencial de crescimento de receita associado à expansão do portfólio de energia renovável e biocombustíveis avançados, com destaque para a COMERC como principal vetor de captura dessa oportunidade.

3.3 Resiliência estratégica

A resiliência da estratégia da Vibra foi avaliada com base nos cenários climáticos de transição da IEA — Stated Policies (Steps), Announced Pledges (APS) e Net Zero Emissions by 2050 (NZE) — e nos cenários físicos do IPCC — SSP3-7.0 e SSP1-2.6 —, com horizontes de 2030 e 2050. Essa análise permitiu avaliar a capacidade da Companhia de adaptar seu modelo de negócio a diferentes trajetórias de transição energética e de intensificação dos eventos climáticos físicos, reconhecendo que, em qualquer dos cenários considerados, os combustíveis fósseis mantêm papel relevante na garantia da segurança energética nacional e no horizonte de planejamento da Companhia.

A 5ª avenida de crescimento da Vibra - Retorno com renováveis - confere capacidade de atuação em múltiplos cenários simultaneamente. Em cenários de transição mais acelerada — como o NZE —, a Companhia está posicionada para capturar oportunidades por meio da Comerc Energia, dos biocombustíveis avançados e da EZVolt. Em cenários de transição mais gradual — como o Steps —, o portfólio de combustíveis fósseis mantém sua relevância econômica, sustentando a geração de caixa e a rentabilidade da Companhia. Desde 2021, a Vibra direcionou aproximadamente R\$ 7,5 bilhões para iniciativas alinhadas

à transição energética, evidenciando a materialização financeira dessa estratégia. No âmbito dos riscos físicos, a Companhia vem implementando iniciativas estruturadas de adaptação e resiliência operacional em seus ativos críticos — incluindo intervenções preventivas em bases de distribuição, terminais e infraestrutura logística —, assegurando capacidade de resposta à intensificação dos eventos climáticos extremos.

A Vibra reconhece que o ambiente competitivo, regulatório e climático continuará evoluindo, e que sua estratégia deverá ser continuamente calibrada para refletir novas informações e tendências. Nesse sentido, a Companhia prevê a revisão de seu planejamento estratégico no médio prazo, de forma a incorporar os desenvolvimentos do mercado de energia, a evolução do marco regulatório e os avanços na agenda climática global e nacional, assegurando que a estratégia permaneça resiliente e alinhada à criação de valor de longo prazo.

4. MÉTRICAS E METAS

4.1 Inventário de emissões e metas de descarbonização

A Vibra realiza seu inventário de emissões de GEE seguindo a metodologia do GHG Protocol, com verificação por terceira parte independente, abrangendo os escopos 1, 2 e 3 — incluindo as emissões relevantes da cadeia de valor. O detalhamento do inventário, inclusive os dados de escopo 3, está disponível no capítulo “Mudanças climáticas” e no Caderno de Indicadores do [Relato Integrado 2025](#) da Vibra.

Em 2025, a Vibra superou sua meta intermediária de redução, alcançando 18% de redução nas emissões de escopos 1 e 2 em relação ao ano-base de

2019 — desconsiderando o efeito da expansão do perímetro de consolidação —, avançando em direção à meta de manutenção de redução de 8% nas emissões de escopos 1 e 2 em relação ao ano-base de 2019. Em paralelo, a Companhia cumpriu seu compromisso de neutralização das emissões de escopos 1 e 2 referentes a 2024, por meio da aposentadoria de 52.281 tCO₂e em créditos de carbono pelo programa ISS Neutro. Seguindo suas diretrizes de transparência, a Vibra comunica o cancelamento da meta de neutralização do escopo 3, adotando como nova meta a redução de 9% na intensidade de emissões de escopo 3 até 2030.

4.2 Remuneração e metas climáticas

Conforme introduzido no item 1.4, a remuneração variável da alta liderança da Vibra considera o desempenho econômico-financeiro da Comerc, por meio de indicadores de ROIC e Ebitda, que refletem diretamente o avanço da Companhia em soluções de energia de baixo carbono e transição energética. A parcela da remuneração variável vinculada a essas metas é aplicada à Vice-presidente de Energia Renovável e CEO da Comerc Energia, ao CEO da Vibra e aos demais colaboradores, com supervisão do CGPR para garantir o alinhamento estratégico.

4.3 Precificação interna de carbono

A Vibra adota precificação interna de carbono como instrumento de apoio à priorização de iniciativas de descarbonização, com foco no escopo 3 — parcela mais relevante de suas emissões de GEE. A abordagem é aplicada na análise econômica comparativa de projetos de baixo carbono já identificados no portfólio estratégico da Companhia.

A referência adotada é o *benchmarking* setorial de preço sombra, no valor de R\$ 215,24/tCO₂e. Esse referencial confere robustez metodológica à análise e valida o direcionamento adotado pela Vibra para fins de priorização de projetos e orientação estratégica da agenda de descarbonização, não configurando, até o momento, mecanismo formal de taxação interna ou obrigação financeira direta.



CRÉDITOS

Vibra Energia

Coordenação

Vice-Presidência de Gente, Tecnologia e ESG
Diretoria de Gestão de Pessoas e Comunicação Interna
Gerência de Comunicação Interna e ESG

Apoio

Embaixadores ESG
Pontos focais ESG
Demais colaboradores da Vibra envolvidos nas
diversas etapas de construção deste relatório

Projeto editorial integrado, consultoria GRI, Central Report, projeto gráfico e diagramação

grupo report
www.gruporeport.com.br

Revisão ortográfica e gramatical

Rafael Montandon

Fotos

Camila Picolo, Holly Audiovisual,
acervo Vibra e Shutterstock